

A EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA PELA VISÃO DA LITERATURA FANTÁSTICA: “AS ONÇAS”, DE CRISTHIANO AGUIAR

VINÍCIUS SANTOS LOUREIRO*


Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Recebido em: 14 ago. 2023. Aprovado em: 3 out. 2023.

Como citar este artigo: LOUREIRO, V. S. A experiência da pandemia pela visão da literatura fantástica: “As onças”, de Cristhiano Aguiar. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 3, p. 152-168, set./dez. 2023. DOI 10.5935/cadernosletras.v23n3p152-168

Resumo

O presente artigo se pretende à análise das formas de representação da experiência pandêmica no conto “As onças”, de Cristhiano Aguiar. A partir da tensão entre as formas da narrativa fantástica e as demandas das questões sociais contemporâneas, é proposto um retorno às definições convencionais do gênero fantástico, a fim de debater quais os limites e quais os interesses da utilização desse tipo de registro na representação da experiência da pandemia de Covid-19 no Brasil, com ênfase nos discursos e nas práticas governamentais para controle e enfrentamento da emergência sanitária.

* E-mail: loureiro.vn@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-9329-898X>

Palavras-chave

Pandemia. Literatura fantástica. Literatura brasileira contemporânea.

Em “Fantástico e ideologia: um malentendido que todavia nos acecha”, texto que abre a edição do outono de 2019 da revista *Brumal*, o acadêmico catalão Alfons Gregori (2019, p. 7) ensaia uma defesa das literaturas não miméticas contra a “acusação sem fundamento que a transforma em um produto industrial orientado exclusivamente à evasão e ao entretenimento”. De acordo com a concepção do autor, há um subentendido na cultura que percebe as literaturas não miméticas – que corresponderia ao que se atribuiu na prática, no Brasil, à denominação de fantástico como um termo guarda-chuva ou ainda à expressão insólito ficcional – como um texto da deserção, ou seja, uma categoria ficcional que se encontra marcada pelo binômio entretenimento-colaboracionismo, no qual essas literaturas têm participação conforme, segundo seus críticos, se relacionam com uma dinâmica de infantilização da obra e de seus leitores, “no sentido de que se remove sua capacidade de incidência no mundo de seres responsáveis e dotados de consciência, se convertendo em artefatos simplesmente lúdicos” (Gregori, 2019, p. 7).

Gregori (2019, p. 8) pontua em sua breve análise, entretanto, que “a dimensão política, aquela que atende aos temas sociais, econômicos e ideológicos”, tende a se concentrar em vertentes mais específicas, como a ficção científica, ao passo que indica “a escassa atração que gera o ideológico entre os/as estudiosos/as do fantástico”. Ainda segundo o acadêmico, essa ocorrência pode ser justificada pelo fato de que, uma vez que a própria ficção científica tem como objeto maior a temática de ciência e tecnologia, sua própria conformação estrutural converte o gênero “no grande campo de debate acerca da evolução das mesmas [ciência e tecnologia] a partir de um ponto de vista ético e político” (Gregori, 2019, p. 8).

Dessa forma, a questão que sobressai após a leitura é pertinente à notada falta de interesse entre as outras vertentes de literatura não mimética – sobretudo o fantástico – e uma prática de crítica que esteja investida em uma análise que busque vislumbrar também nesses textos o registro de uma imaginação engajada, longe da suposição de que “usar na arte uma imaginação apartada do estrito mimetismo estilístico implica uma grave traição àquele compromisso ideológico que combate pelas causas justas” (Gregori, 2019, p. 7).

Considerando o fantástico como um gênero que, ao que parece, se permitiu categorizar como um estilo que opera pela via da hesitação ou da incapacidade de se afirmar o testemunhado, é possível ao menos divisar algumas pistas para que se persiga alguma resposta.

De forma análoga, o autor e crítico Cristhiano Aguiar, em entrevista a Juliana de Albuquerque e Eduardo Cesar Maia em abril de 2021, aborda temáticas próximas àquelas levantadas por Gregori em seu texto de apresentação. Ao ser perguntado sobre a “demanda de uma literatura participativa da realidade social, denunciando certos aspectos da realidade, politicamente engajada, socialmente consciente” na literatura brasileira recente, com ênfase na literatura produzida sobretudo no primeiro ano da pandemia de Covid-19, Aguiar defende que “há uma tendência de uma representação mais realista” da experiência pandêmica, na qual se fazem presentes “os esboços e as estruturas de tempo, espaço e personagens sociais imediatamente reconhecíveis pelo leitor contemporâneo”, em contraste com uma fração menor que se relaciona com a possibilidade do fantástico e de narrativas experimentais (Afinidades Eletivas, 2021). O autor atribui essa tendência, para além de uma posição de prestígio que a prosa de ficção realista resguarda em nossa tradição literária, a uma necessidade de certas narrativas de se colocar “na arena pública dos debates da literatura, e elas sentem que a maior estratégia inicial para isso são as formas do realismo”, fato ao qual se acrescenta uma certa urgência de que determinadas experiências específicas – nesse caso, novamente, a experiência da pandemia e do isolamento social – sejam contempladas de forma mais transparente e imediata (Afinidades Eletivas, 2021). Aguiar conclui admitindo que essa é uma das vias possíveis, ainda que viesse se dedicando à escrita de literatura sob outros regimes de representação.

Em fevereiro de 2022, Cristhiano Aguiar publica *Gótico nordestino*, volume de contos de matizes fantásticos que usufruiu de boa recepção no meio literário nacional, sendo agraciado com o Prêmio Biblioteca Nacional em outubro do mesmo ano. O livro, conforme antecipado pelo título, propõe um conjunto de narrativas nas quais o lugar-comum das convenções de gênero é atualizado por meio de uma intervenção temática, estrutural e estilística que as atualiza em direção a determinadas experiências nacionais. Sendo um livro composto e publicado em meio à pandemia de Covid-19, a temática da doença como manifestação social se faz presente na obra de Aguiar, com destaque para o conto “As onças”, uma narrativa que se relaciona em termos abertos com os

breves comentários levantados nesta introdução. Por meio de um relato que não se propõe a narrar de forma realista uma pandemia ficcional dentro de um contexto histórico de uma pandemia factual, cujos personagens sociais são evidenciados por certo cuidado na exposição dos fatos, este artigo se propõe a questionar os limites das formas não miméticas na abordagem de uma realidade imediata e urgente.

Mãe e filha saem de casa para comprar itens essenciais em meio a uma infestação de onças: assim se pode começar a resumir o enredo do conto “As onças”, de Cristhiano Aguiar (2022). A narrativa apresenta as duas personagens trancafiadas dentro da própria casa, com o pai adoecido da menina, vivendo dias de um “novo normal” que se resume a sobreviver à invasão dos animais, que surgem à espreita para remover qualquer sensação de segurança da qual poderiam usufruir. Diante da necessidade de reabastecer a despensa e comprar o remédio do pai da menina, as duas saem de casa preparadas para o encontro com as feras. Do lado de fora, as duas percorrem as ruas de uma cidade deserta e se deparam com restos de corpos, o que denuncia a presença das onças nas redondezas. Mãe e filha chegam com segurança ao destino, mas, ao retornarem, deparam-se com uma onça ferida nas proximidades de casa. No clímax do conto, a personagem da mãe, em um gesto digno dos dramas humanos mais radicais, vacila entre abater a fera e cuidar do ferimento que percebe em sua pata. De volta à segurança da casa, o conto se encerra em outro momento de tensão ao se revelar que o pai, isolado atrás de uma porta cerrada com uma fechadura pesada, havia se transformado em uma onça.

Em sua renomada conferência sobre a literatura fantástica, o escritor argentino Jorge Luis Borges (1967, p. 6) recorda que “[H. G.] Wells havia dito que basta para convencer o leitor que haja um único episódio fantástico em um conto e que o restante seja cotidiano”. Se esse raciocínio for tomado como guia, não restarão dúvidas de que a cena final de “As onças”, quando se relata a transformação de um ser humano em uma onça, é responsável por atribuir o rótulo de conto fantástico à narrativa. Esse mecanismo típico do fantástico, a revelação final que subverte todo o sentido de uma narrativa, em muitas vezes opera dessa forma, demonstrando ao leitor que, desde o início, se narrava uma história que desembocaria em um encerramento de natureza dúbia, impossível, intragável, que acarreta uma reconfiguração de certa noção de real.

Partindo das considerações já sugeridas até aqui, o conto de Cristhiano Aguiar se constitui como uma narrativa insólita que tematiza a questão da

pandemia em meio às circunstâncias de uma pandemia real. Essa correspondência entre tema e contexto se revela como uma das principais especificidades da literatura de Aguiar, uma vez que, em *Gótico nordestino*, a doença – seja pela experiência individual ou coletiva –, a emergência climática e a tensão entre discurso político, ciência e coletividade são temas que podem ser vislumbrados em mais de um momento.

Seguindo pela senda dessa perspectiva, é interessante ler “As onças” contra as definições basilares da literatura fantástica. Uma das mais reconhecidas, ainda que permeada por delimitações bastante problemáticas, é a definição proposta por Tzvetan Todorov (2010, p. 31), para quem “[o] fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Sob o risco de se abandonar o fantástico – que, para o autor, é a própria tensão provisória entre dimensões categóricas e não um gênero em si –, esse ser deve optar por interpretar o episódio como uma “ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação” ou como “parte integrante da realidade”, rearranjado o próprio desde sua postura inicial em relação às leis naturais (Todorov, 2010, p. 30). Outra proposta de definição mais contemporânea que, de alguma forma, promove uma continuidade dessa concepção inicial, é a de David Roas (2014, p. 31), para quem a “narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real”. O ponto de inflexão entre as duas tentativas de definição é justamente a posição desse ser/leitor diante do episódio fantástico: enquanto Todorov (2010) demanda uma postura racional diante de um fenômeno que exige uma explicação, que deve ser descartado ou aceito em conjunto com suas implicações, Roas (2014, p. 42) defende que essa proposição

[...] acaba excluindo muitas narrativas em que, longe de se propor um desenlace ambíguo, o sobrenatural tem uma existência efetiva: isto é, em que não há vacilação possível, já que só se pode aceitar uma explicação sobrenatural dos fatos (que, no fim, não é uma explicação sobrenatural, porque o fenômeno fantástico não pode ser racionalizado: o inexplicável se impõe à nossa realidade, transtornando-a).

O fragmento exposto do texto de Roas (2014) é fundamental para que se compreendam certas nuances de “As onças”. Enquanto a norma vigente do fantástico defende que uma decisão racional é capaz de descartar a existência

do sobrenatural ou de aceitar sua ocorrência na esteira de uma reorganização da realidade circundante, Roas (2014) aponta para um fenômeno não conciliatório, no qual o sobrenatural surge, não pode ser explicado, mas segue presente em meio a uma realidade que não o comporta e que, portanto, se abala por sua existência. Os habitantes dessa realidade não podem recorrer à outra, como uma alternativa à dimensão desgastada pela desintegração de suas fundações, mas também não podem simplesmente seguir com uma normalidade diante da ofensa. O que sobra, de forma análoga ao que o conto narra, é uma convivência não pacífica entre ser, fenômeno que carece de explicação, e as ruínas de uma realidade incontornável. Essa experiência do fantástico remete diretamente à perspectiva de uma realidade que não pode ser narrada de modo convencional porque não há explicação para os fatos que a povoam.

Ainda para Roas (2014, p. 47), o fantástico se estrutura a partir do princípio fundamental de que há uma relação entre as formas de percepção de uma determinada realidade – o referente pragmático – e as formas contempladas na ficção – o referente literário. Isso quer dizer que, para que a personagem, o narrador ou até mesmo o leitor sintam o efeito da irrupção de um ser ou episódio que investe contra o funcionamento mínimo dessa mesma realidade, é necessário que exista, no corpo do texto – de forma próxima ao comentário de Borges supracitado –, um vislumbre de uma correspondência entre aquele mundo projetado pela via ficcional e o mundo no qual se habita, recorrendo a determinadas nuances, circunstâncias ou imagens que promovam direta ou indiretamente essa passagem. O ápice dessa perspectiva, portanto, move a compreensão da narrativa no sentido de que, na especificidade do texto selecionado para o comentário, o efeito de fantástico que se percebe no conto é proveniente da forma como “As onças” dramatiza certa perspectiva da experiência da pandemia no Brasil.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada de uma síndrome respiratória de origem desconhecida na cidade de Wuhan, na China. Nas semanas seguintes, o vírus foi disseminado para outras cidades do país e, posteriormente, identificado em países da Europa, sendo classificado pela OMS como pandemia no dia 11 de março. No Brasil, o primeiro caso foi identificado no dia 26 de fevereiro, enquanto a primeira morte ocorreu no dia 17 de março. Ainda que o próprio conceito de pandemia presuponha que a proliferação da doença tenha se alastrado por todo o mundo, a experiência da Covid-19 foi sentida de diferentes modos em partes distintas do

planeta, seja por fatores cronológicos, sociais ou geográficos, seja pelas diferentes táticas de enfrentamento que governos e autoridades sanitárias adotaram em cada um desses lugares. No contexto brasileiro, que compete ao escopo pretendido por este artigo, o desenvolvimento da pandemia, seus índices de transmissão e letalidade, bem como as medidas para prevenção da doença e promoção de saúde pública no geral estão diretamente ligados à Presidência da República entre os anos de 2019 e 2022, que se elegeu a partir de uma plataforma reacionária, apelativa a ideais pátrios de tons militarizados, permeada por discursos anticientíficos e, sobretudo, contrários a grupos populacionais minoritários. Todos esses temas estão, de alguma forma, em “As onças”.

Em sua sentença inicial, o conto de Cristhiano Aguiar (2022, p. 18) denomina de novas coisas essenciais um *kit* de primeiros socorros, uma arma e uma corda. Essa listagem simples e breve vai na direção da construção de uma imagem que ao mesmo tempo dá o tom da narrativa e corresponde a um léxico muito específico da pandemia no país: o novo normal. Tanto no relato quanto na experiência real dos primeiros meses após o decreto da pandemia pela OMS, a expressão passou a estar presente nas mais variadas formas de discurso, referindo-se a novas medidas de cuidados sanitários e comportamentos sociais que deveriam ser adotados em um contexto de disseminação de uma doença cujo funcionamento ainda não era plenamente conhecido pela comunidade científica e para a qual ainda não havia qualquer forma de tratamento ou imunização. Para além da violência desregrada de uma infestação de onças, um dos estranhamentos iniciais do conto, que corresponde a certo estranhamento experimentado pela população brasileira, é que o pontapé da ação narrativa acontece por meio da necessidade expressa de que as duas personagens saiam de casa para reabastecer a despensa da casa, munidas de armas e táticas de defesa caso se deparassem com um dos animais à espreita.

Ao mesmo tempo que a aventura de mãe e filha provoca certo espanto no leitor por conta de sua nuance digna de um *thriller* cinematográfico, é possível vislumbrar certo mal-estar diante da transposição dessa demanda ficcional para uma necessidade prática experimentada pela comunidade. No dia 24 de março de 2020, uma semana depois da confirmação da primeira morte por Covid-19 no país, o ex-presidente Jair Bolsonaro pediu em pronunciamento oficial uma volta à normalidade e que cessassem as políticas de isolamento social vigentes, que chamou de medidas de confinamento em massa (Coronavírus [...], 2020). No mesmo pronunciamento, o ex-mandatário culpabilizou a

imprensa por disseminar uma sensação de pavor na população. Esse discurso é simbólico principalmente porque adianta o cerne da proposta que o então governo apresentava para o enfrentamento da pandemia: adoção de práticas negacionistas, tanto no sentido de negar a gravidade do cenário que começava a se construir no país quanto em tomadas de decisão contrárias a recomendações médicas comprovadas; o controle da narrativa pública por meio do cerceamento do acesso público à informação e de acusações infundadas de intencionalidade de grupos específicos; e pela política de morte que serviu como plataforma política para uma série de atores envolvidos na questão.

Por meio dessa perspectiva, o leitor passa a relacionar, como Roas (2014) explica em sua conceituação do efeito fantástico, um referente literário – mãe e filha em uma jornada urbana em busca de mantimentos enquanto escapam de onças – a um referente pragmático – a tensão entre o isolamento social e o apelo ao retorno à normalidade. Essa tensão toma maiores proporções, tanto na esfera do conto quanto na experiência pandêmica de fato, conforme se percebe (ou se recorda) que houve uma continuidade em relação aos argumentos que visavam agravar essa tensão. Ainda no mesmo mês de março de 2020, o ex-presidente se referiu em mais de uma oportunidade à doença como uma “gripezinha”, fato que pode ter contribuído para que a opinião pública aceitasse com maior facilidade a não gravidade da situação (2 momentos [...], 2020). Uma proposta análoga a esse discurso foi o investimento na chamada imunidade de rebanho, prática na qual parte considerável da população contrairia o vírus e, por causa de um alto grau de imunização coletiva, ocorreria de forma orgânica a diminuição do desenvolvimento da doença. A proposta foi contestada à época por especialistas sob a justificativa de que o processo poderia resultar em um número elevado de mortes até que atingisse seu propósito, fora a possibilidade de reinfeção pelo vírus e novo quadro de doença (Matoos; Gomes, 2021). Somam-se a essas medidas a notória aversão do ex-presidente às propostas de aquisição de vacinas e programas de imunização, à utilização de máscaras e, sobretudo, a insistência no investimento em medidas de tratamento sem comprovação científica, como o uso de substâncias como a hidroxicloroquina, ivermectina e nitazoxanida (Guerra, 2021).

Com o intuito de que se estabelecesse um cenário propício para o investimento nas práticas anticientíficas que possuía como diretrizes básicas, o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro passou a adotar medidas de controle de dados e desinformação pública. A partir da segunda quinzena de abril do mesmo ano,

modificações constantes nos horários e nos modos de divulgação de dados oficiais da pandemia passaram a dificultar o entendimento público no tocante à real dimensão do cenário epidemiológico no Brasil, entre os quais se destacam a indisponibilidade temporária do portal em que os números eram apresentados, o apagamento de dados cronológicos da pandemia e a remoção de recursos adicionais, “essenciais para análises de pesquisadores e jornalistas, e que alimentavam outras iniciativas de divulgação” (Veículos de imprensa [...], 2020). O fato resultou, em junho seguinte, na criação de um consórcio entre diferentes veículos tradicionais de mídia para recolha e divulgação de dados da pandemia em contato direto com as secretarias estaduais de Saúde, dispensando a necessidade de aguardar as comunicações do Ministério da Saúde. Em outros momentos, contudo, notou-se uma mudança no discurso presidencial com o intuito de preservar o protagonismo na situação. Embora tenha publicamente expressado sua recusa pessoal à vacina em uma série de ocasiões (Bolsonaro alvo da PF [...], 2023), além de uma recusa de seu governo à aquisição de doses de imunizantes (Minervino, 2022), o ex-presidente atribuiu o início dos programas de imunização ao próprio governo, afirmando que “nenhum governador comprou uma dose sequer” e exibindo dados falsos sobre o que reivindicava ser o sucesso e a celeridade do programa de vacinação (Patriolino, 2021). No conto, o controle sobre a narrativa da situação também se mostra presente enquanto se narra que, embora a sensação de pânico pela infestação de onças seja o tom que guia a vida das personagens e de toda aquela cidade, “[p]or outro lado, o rádio e as mensagens dos celulares garantiam que tudo estava sob controle” (Aguiar, 2022, p. 24).

Uma das nuances desse método de controle de informações se envolve com um aspecto mais amplo da cronologia pandêmica no Brasil, embora não tenha se limitado às fronteiras nacionais. Em maio de 2021, a OMS publicou um documento contendo diretrizes para a denominação das variantes do vírus causador da Covid-19 por meio da utilização do alfabeto grego, em uma medida que visava “facilitar a comunicação, além de reduzir a xenofobia ligada aos países de origem destas cepas” (Do alfabeto grego [...], 2023). A decisão vinha na esteira de um discurso público, replicado abertamente pela mídia, que se construía a partir de um vocabulário composto pelas expressões “vírus chinês”, “variante indiana” e “variante brasileira”, entre outras. A escalada dessa xenofobia já intrínseca ao imaginário construído ao redor da pandemia em si se deu, mais uma vez, por meio de falas do ex-presidente. A primeira que se

destaca é de outubro de 2020, na qual o então chefe do Executivo afirmou que o governo brasileiro não estava disposto a adquirir doses de vacina desenvolvidas com tecnologia chinesa (Bolsonaro alvo da PF [...], 2023); na segunda, mais incisiva, em junho do ano seguinte, Bolsonaro afirmou que “a pandemia de coronavírus seria parte de uma ‘guerra biológica’ chinesa e que ‘os militares sabem disso’” (Fala de Bolsonaro [...], 2021). A relação que se estabelece aqui com o conto é tênue, mas vai na mesma direção que as relações apontadas anteriormente. Apenas dois personagens são nomeados na narrativa: Diana, a filha, e Khalil, um comerciante libanês. A forma pela qual essa personagem é representada emula justamente essa tensão entre as formulações prontas – embora problemáticas – que habitam o imaginário que se constrói a partir de uma figura ou de uma coletividade e o que se poderia definir como a *performance* consciente desse mesmo discurso. Ao passarem pela “casa do vampiro”, como era chamado o edifício na infância da mãe pelas crianças locais, a memória que vem à personagem não é “um trauma, ou um momento marcante”, nada além de uma memória que vem e a lança de volta ao passado, sem maior elaboração (Aguiar, 2022, p. 26). Há, entretanto, uma clara representação de uma xenofobia ao passo que a personagem recorda que os adultos orientavam que seus filhos não se aproximassem do libanês, que “falava uma língua diferente, que não podia ser coisa de gente” e, acima de tudo, “não era cristão” (Aguiar, 2022, p. 26). A recusa ou o não comprometimento em elaborar a problemática intrínseca à figura estrangeira no contexto de uma pandemia revela como esse conjunto de preconceções caminha na tentativa de estabelecer a doença como o outro: seja por meio de processos de individuação, de atribuições coletivas ou até mesmo de relações simbólicas – a família do libanês desaparece misteriosamente em meio à chegada das feras, e o texto deixa em suspenso se fugiram, foram atingidos ou se resguardaram, no fundo de um preconceito quase inseparável dos fundamentos da racionalidade humana, alguma participação enigmática com o fenômeno –, o mundo pandêmico é assinalado por uma imagem do outro, que traz consigo a ruína.

Os pontos levantados até aqui – a adoção de práticas anticientíficas e o controle do discurso – permitem que se retorne à cena de “As onças” de um modo quase imersivo. Ao passo que existe a necessidade de sobrevivência das personagens em um novo normal, não se percebe a ação de qualquer personagem social que possa mitigar, controlar ou sequer explicar a situação. A escuridão da noite em que saem de casa em busca dessa mesma sobrevivência se

espelha, de alguma forma, na própria ignorância das personagens em um ambiente hostil no qual toda informação é provisória: o facão empunhado sobre a cabeça, os urros, as luzes sempre acesas dentro das casas são paliativos diante de uma situação cuja compreensão, na verdade, não passa de um ensaio, porque, no fim das contas, “[a] mãe sabia, contudo, que, quando as onças decidem pegar você, não adianta correr” (Aguiar, 2022, p. 23). Aqui, o autor quase chega a esboçar uma crítica à informação inútil, sem eficácia, uma vez que apontar na direção da presença das onças, afirmando que, com alguma certeza, são onças, não produz qualquer efeito: “Ninguém compreende direito aquelas onças. Já se sabe de onde vêm, e quando. Mas o que querem, além de ocupar, devorar e se reproduzir? Não são onças comuns, de forma alguma” (Aguiar, 2022, p. 25). O conhecimento provisório sobre as onças não concede, entretanto, às personagens o direito de permanecer a distância, em algum lugar que possam estar protegidas. De relance, o conto de Aguiar (2022) pode ser lido como uma narrativa pós-apocalíptica na qual a tensão entre a segurança do isolamento e a exposição da normalidade se passa em um mundo de escuridão informacional onde pouco se sabe, muito se ouve, mas não há a oferta de muitas soluções senão uma adaptação às novas propostas de vida normal.

Essa angústia da escuridão que envolve o mundo de “As onças” ganha contornos de abandono ao passo que se estabelecem relações entre outros referentes. Uma das formas que o autor escolhe para o vazio da cidade e a contínua aparição de onças é apontar que uma solução bélica foi apresentada, mas que não surtiu efeitos: “Sem dúvida, tanques patrulhavam as ruas. Soldados armados e protegidos com coletes, máscaras e capacetes podiam ser vistos, mas não com a frequência necessária” (Aguiar, 2022, p. 24). Ao mesmo tempo que essa imagem remete à ficção científica e às narrativas pós-apocalípticas, em que são comuns relatos de convocação de tropas para proteção da humanidade e do planeta contra ameaças de origem desconhecida, essa menção a um militarismo ineficaz contrapõe, outra vez, o espaço do conto ao espaço extraliterário, dado que o então governo federal tinha como marca a presença de militares ocupando cargos em diversos níveis hierárquicos – principalmente no alto escalão, uma vez que a presidência, a vice-presidência e cargos ministeriais eram assim ocupados – e recorria a valores cívicos como plataforma política. Em termos estatísticos, a consolidação do então governo resultou que se duplicasse o contingente de militares em cargos anteriormente atribuídos a civis (Mais militares [...], 2022). Um dos ápices dessa relação foi a escolha de um

militar de alta patente para o cargo de ministro da Saúde em maio de 2020, permanecendo até março de 2021. Para além de apoiar as medidas negacionistas do então presidente, o período de exercício do general foi marcado pela crise do sistema de saúde de Manaus, em janeiro de 2021, chegando ao ponto máximo no dia 14 desse mês, quando se constatou que começava a faltar oxigênio nos hospitais da cidade. Em meio à segunda onda de Covid-19, atribuiu-se a culpa ao então ministro, que, mesmo informado da escassez de oxigênio na semana anterior ao colapso, “agiu tardiamente para enfrentar o problema. Naquela época, a pasta se dedicava [a] propagar o uso de medicamentos ineficazes no combate à doença, como a hidroxicloroquina” (Gazel; Cruz, 2022). Em Manaus, assim como em “As onças”, a presença de forças militares não foi capaz de fornecer qualquer noção de segurança.

Essa ineficácia, nos termos propostos pelo conto de Cristhiano Aguiar (2022), desloca-se do plano da efetividade de possíveis recursos militares voltados à contenção da crise vigente para a percepção de que a promessa da presença de combatentes não se realiza, gerando um vácuo quase tátil. À medida que mãe e filha experimentam a necessidade de sair de casa e se aventuram pelas ruas, encontrando-se apenas com outros civis, onças e restos de corpos, a cena acontece em um espaço quase convertido em uma cidade fantasma, onde a presença das forças de segurança não acontece de forma concreta, atendendo-se somente ao plano do discurso. Existem forças militares destacadas para promoção da segurança daquela cidade, mas não são vistas ou não se deixam ver. O espaço da cidade se transforma, nesse ponto, em um cenário de abandono e desolação.

De maneira análoga, a atuação do governo federal no contexto pandêmico também se deu em tons semelhantes. Ainda no contexto das tentativas de controle narrativo, o então presidente se manifestou no sentido de afirmar que sua falta de ação na pandemia era devida a um impedimento do Supremo Tribunal Federal, que limitaria as ações que o governo poderia tomar para resolução da crise sanitária, enquanto a decisão da corte determinava somente que as medidas de controle eram de “responsabilidade de todos os entes da federação” e que a União não poderia hierarquizar a atuação de estados e município na questão (Vivas; Falcão, 2021). Nesse sentido, houve um crescente distanciamento entre o presidente e os governadores, a quem responsabilizou “pelo aumento do desemprego, devido às medidas de restrição de circulação de pessoas durante a pandemia”, negando-se a manter o diálogo entre as partes no sentido de uma atuação conjunta para combate à pandemia (Patriolino, 2021).

O resultado dessa postura, combinada com as práticas anticientíficas que já projetavam o tom do governo desde o início da crise sanitária, foi uma diminuição gradual do engajamento de atores federais no combate à crise, o que foi experimentado de formas distintas por grupos específicos, mas que projetou uma crescente sensação de abandono à própria sorte. Assim como no conto que se analisa neste artigo, a saída de combate à pandemia era delegada ao indivíduo e não à coletividade, sendo necessário, em casos extremos, enfrentar onças metafóricas com as próprias mãos.

Para concluir o comentário a respeito de onças, sejam elas reais ou simbólicas, o desfecho do conto ensaia uma descida ao ponto talvez mais ridicularizado em toda a gestão pandêmica do ex-presidente. Na última cena, mãe e filha retornam com segurança à casa e se dirigem ao cômodo para entregar o remédio ao pai da criança, que descobrimos estar isolado do resto da família não apenas por uma medida para evitar o contágio do restante da família, mas porque ele se transformou em onça. O comentário com o qual o conto se encerra, que todo o enredo é a história de uma doença que transforma pessoas em onças, ecoa diretamente no comentário de dezembro de 2020, no qual o ex-mandatário afirmou que não se responsabilizaria caso a vacinação transformasse as pessoas em jacarés (Bolsonaro alvo da PF [...], 2023). Na mesma ocasião, o ex-presidente afirmou ainda que os efeitos colaterais da vacina poderiam provocar alterações de teor imunológico ou hormonal naqueles que a tomassem. Ainda que o comentário soe caricaturesco em oposição à gravidade da situação da Covid-19 naquele momento, sua ocorrência está em plena conformidade com diversas outras práticas adotadas pelo então governo na condução da crise, remetendo aos parágrafos que antecedem este. Assim, o conto pode ser lido, de alguma forma, como uma fantasia de uma experiência pandêmica distópica, na qual as práticas de condução da crise como propostas pelo governo federal chegam ao cúmulo e a população é largada à própria sorte em meio a doenças, feras e desinformação, e a irrupção do tragicômico da realidade como chave de leitura do texto literário converte “As onças” em um pesadelo no qual as profecias se cumprem por uma via macabra e misteriosa, em um ambiente que de alguma forma remete a uma sensação de normalidade, mas quase não se aproxima de um mínimo aspecto de salvaguarda que relacionamos ao conhecido, ao doméstico, ao íntimo.

Na mesma entrevista mencionada na introdução deste artigo, Cristhiano Aguiar é questionado outra vez a respeito do lugar do realismo na literatura

contemporânea brasileira, no sentido de que haveria uma hipervalorização de um modelo de narrativa que seria um *print* do real, uma linguagem transparente que aborda e comunica diretamente determinadas questões sociais. Os entrevistadores prosseguem em relação a uma possibilidade de literatura que seja mais do que um registro ou uma memória de um recorte temporal específico, perguntando ao autor o que sobra em uma proposta de literatura que, sob a suspeita de uma imunização contra o irracional ou qualquer episódio que careça de explicação, passa a abrir mão do fantástico e de outros modos indiretos de representação, e, sendo por vezes uma memória ou um registro, o que acontece com aquilo que escapa ou transcende o contexto. Aguiar responde que, a seu ver, essa necessidade de urgência de debate tem como revés uma circunscrição do texto ao tema, visto que a demanda pode conter o texto em sua limitação. O autor conclui que “um texto que aposte na complexidade, na profundidade e na invenção da linguagem, em outras dimensões mais além do imediato, é um texto que, ao longo do tempo, vai possuindo novas camadas de significação, novas camadas de sentido”, recordando-se dos clássicos da leitura que, embora também estivessem permeados por questões intrínsecas a seu tempo e circunstâncias, enredam uma série de outros temas adjacentes e pertinentes à obra literária (Afinidades Eletivas, 2021).

Dessa forma, faz sentido que a análise que este artigo se pretende do conto “As onças” caminhe na direção de ler a obra como uma tentativa de representar certa angústia da experiência da Covid-19, que não é retratada de forma realista ou transparente, mas que recoloca a problemática da pandemia no cenário de debates da literatura. Para além de um registro da pandemia, que deixou de ser classificada como emergência de saúde pública de âmbito internacional pela OMS em 5 de maio de 2023, a narrativa é um ensaio de compreensão da experiência de ter vivido – e sobrevivido – durante uma pandemia que, até a data de escrita deste texto, custou a vida de 704.897 brasileiros, conforme dados do Painel Coronavírus. Estão, nesse conto, a solidão imposta pelas necessárias medidas de isolamento social, o luto quase renovável motivado pelas perdas de familiares e amigos pela doença, e a angústia de ter presenciado um evento histórico de dimensões horrendas.

Estão ainda nesse conto, de forma reconhecível mesmo que sob a capa da literariedade, os personagens sociais que atuaram nesse período, destacando e lembrando – ou ainda para que não se esqueça – suas implicações no desenvolvimento do cenário conforme hoje o compreendemos. A preferência de Aguiar

por uma linguagem não mimética não apenas é bem-sucedida na tarefa de estabelecer a relação entre a ficção e a realidade factual, mas também o faz de um modo que, não se esquivando da denúncia das práticas negacionistas testemunhadas ao longo do período em questão, é ainda capaz de dramatizar os limites dessas práticas e seus reflexos nas mais variadas dimensões que compõem o sujeito e a coletividade.

Em termos de encerramento, a proposta levantada anteriormente de ler “As onças” contra as concepções clássicas do fantástico acaba por surtir efeito ao passo que se acaba retornando à noção de que se trata de um gênero cujo principal motivo é a investida contra a própria realidade, danificando permanentemente seus alicerces e desestabilizando aqueles que a habitam. O fato de o conto ser erguido a partir de um subtexto pragmático tão próximo e tão urgente remete novamente a Roas (2014, p. 47), que ressalta que o efeito do fantástico apenas é possível em termos de um “horizonte de expectativa”, a partir do qual a ideia de perda apenas se mostra como possível diante da ideia de que algo é próprio, estável e seguro. A necessidade de se sobreviver a uma infestação de onças é apenas tão (ou ainda menos) ameaçadora quanto a necessidade prática de se descobrir como viver e sobreviver em um mundo desprovido de qualquer noção de normalidade.

The pandemic experience through the vision of fantastic literature: “As onças”, by Cristhiano Aguiar

Abstract

This article aims to analyze the forms of representation of the pandemic experience in the short story “As onças”, by Cristhiano Aguiar. Based on the tension between the forms of the fantastic narrative and the demands of contemporary social issues, a return to the conventional definitions of the fantastic genre is proposed, in order to discuss the limits and interests of using this type of register in representing the experience of the Covid-19 pandemic in Brazil, with emphasis on government discourses and practices to control and face the health emergency.

Keywords

Pandemic. Fantastic literature. Contemporary Brazilian literature.

REFERÊNCIAS

2 MOMENTOS em que Bolsonaro chamou Covid-19 de “gripezinha”, o que agora nega. BBC News Brasil, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 12 ago. 2023.

AFINIDADES ELETIVAS: Literatura e pandemia. Entrevistado: Cristhiano Aguiar. Entrevistadores: Juliana de Albuquerque e Eduardo Cesar Maia. [S. l.], abr. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7iGtJpInLbZXRveaDxZSXM>. Acesso em: 12 ago. 2023.

AGUIAR, C. *Gótico nordestino*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BOLSONARO alvo da PF: relembre declarações do ex-presidente sobre a vacina contra Covid. G1, 3 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/03/bolsonaro-alvo-da-pf-relembre-declaracoes-do-ex-presidente-sobre-a-vacina-contra-covid.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BORGES, J. L. *La literatura fantástica*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Olivetti, 1967.

CORONAVÍRUS: veja a cronologia da doença no Brasil. G1, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

DO ALFABETO grego: OMS divulga nomes para variantes do coronavírus. Correio, 22 abr. 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/coronavirus/do-alfabetogrego-oms-divulga-nomes-para-variantes-do-coronavirus-0621>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FALA de Bolsonaro sobre China causa polêmica em reunião da CRE com chanceler. Senado Notícias, 6 maio 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/06/fala-de-bolsonaro-sobre-china-causa-polemica-em-reuniao-da-cre-com-chanceler>. Acesso em: 12 ago. 2023.

GAZEL, A.; CRUZ, V. Crise do oxigênio no Amazonas completa um ano com impunidade e incerteza causada pela ômicron. G1, 14 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/crise-do-oxigenio-no-amazonas-completa-um-ano-com-impunidade-e-incerteza-causada-pela-omicron.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

GREGORI, A. Presentación. Fantástico e ideología: un malentendido que todavía nos acecha. *Brumal*, v. 7, n., 2, p. 7-12, otoño 2019.

GUERRA, R. Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases. *O Globo*, 20 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MAIS MILITARES assumiram cargos no Executivo no governo Bolsonaro. Jota, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/jotinhas/mais-militares-assumiram-cargos-no-executivo-no-governo-bolsonaro-10062022>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MATOSO, F.; GOMES, P. H. Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam. G1, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MINERVINO, T. Bolsonaro admite que recebeu oferta da Pfizer de vacinas mais baratas. UOL, 13 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/13/bolsonaro-admite-que-recebeu-oferta-da-pfizer-de-vacinas-mais-baratas.htm?cmpid>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PATRIOLINO, L. Bolsonaro minimiza pandemia e quer fim da obrigatoriedade de máscaras. *Correio Braziliense*, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2021/08/4945614-bolsonaro-minimiza-pandemia-e-quer-fim-da-obrigatoriedade-de-mascaras.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ROAS, D. *A ameaça do fantástico*. Tradução: Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VEÍCULOS de imprensa fazem parceria para dar transparência a dados de Covid-19. *O Globo*, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/veiculos-de-imprensa-fazem-parceria-para-dar-transparencia-dados-de-covid-19-24468150>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VIVAS, F.; FALCÃO, M. STF contesta Bolsonaro e diz em nota que nunca proibiu governo federal de atuar contra pandemia. G1, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/18/decisoes-do-stf-nao-proibem-atuacao-do-governo-federal-para-combater-a-pandemia-diz-tribunal.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.